

MARIA MYKELE ALVES DODÓ

**OLHARES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM *CALADA NÃO MAIS*, DE  
VERA VERÔNICA E *TREPADEIRA*, DE EMICIDA**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Letras/Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovado em 21/11/2017

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.ª. Dr.ª. Jo A-mi  
(Orientadora/Unilab-CE)



---

Prof.ª. Dr.ª. Francisca Rosália Silva Menezes  
(Examinadora 1/Unilab-CE)



---

Prof. Dr. André Telles do Rosário  
(Examinador 2/Unilab-CE)

Redenção-CE  
2017

## **Olhares sobre a Violência doméstica em *Calada não mais*, de Vera Verônica e *Trepadeira*, de Emicida**

Maria Mykele Alves Dodó

**RESUMO:** Neste trabalho proponho uma análise das músicas *Calada não mais*, de Vera Verônica e *Trepadeira*, de Emicida, buscando compreender os olhares sobre a violência doméstica que elas revelam, entendendo a importância que a propagação desses olhares tem no quadro vigente de violência contra a mulher no Brasil. Para isso, iniciarei discorrendo sobre meu percurso com o *Rap* e com a pesquisa em Gênero, abordando alguns pontos sobre a violência contra as mulheres no Brasil e apresentando as leis nº 11.340/2006 e nº 13.104/2015 - que surgem a partir da necessidade de intervenção estatal sobre a realidade de violência enfrentada por milhares de brasileiras, em decorrência das construções sobre gênero a elas impostas. Em seguida, partirei para a análise das letras das músicas já citadas, visando compreender os olhares sobre a violência doméstica que elas revelam, entendendo a importância que a propagação desses olhares tem na alteração ou não do quadro vigente de violência contra a mulher em nosso país.

### **Introdução**

A frase “O rap<sup>1</sup> salvou a minha vida”, que hoje estampa camisetas, bonés, canecas e etc. marca a realidade do cenário do hip hop brasileiro. É nesse estilo musical, entre batidas e letras pesadas, que muitos jovens, principalmente de zonas periféricas, encontram uma realidade com a qual se identificam, uma realidade de revolta contra um sistema de classes pré-estabelecido que os exclui antes mesmo de nascerem - como expõe Emicida em uma de suas letras “Cê sabe o quanto é comum, dizer que preto é ladrão/ antes mesmo de a gente saber o que é um?”<sup>2</sup>. São questionamentos e denúncias que circundam toda o acervo do rap nacional, estimulando reflexões e mudanças de atitude quanto às mazelas que atingem a grande maioria da população.

Foi no contexto de mudança de posicionamento social que tive meu primeiro contato com essa cultura. As letras que ouvia na rádio, na televisão e, principalmente, na internet, conduziram-me a uma luta por espaço e desenvolvimento pessoal. As lutas dos Três Temores (Emicida, Projota e Rashid), primeiros que vi ascender nas grandes mídias de massa, de alguma forma se tornaram minhas também, fazendo-me refletir sobre minha condição social e querer tomar partido na construção de uma ponte que ligue os dois lados

---

<sup>1</sup> O rap, nome derivado da sigla em inglês *rhythm and poetry*, é um gênero musical surgido no início dos anos 70 nos Estados Unidos, que se desenvolveu junto com a cultura Hip Hop (movimento cultural que envolve a arte dos MCs, DJs, o grafite e a dança *break*) por jovens imigrantes negros e hispânicos.

<sup>2</sup> Emicida, 2010.

do profundo abismo social construído historicamente com apagamento e silenciamento de diversas identidades.

Depois de dar o primeiro passo para um salto sobre esse abismo, a inserção na universidade pública, acabei me distanciando dessa perspectiva, centrando-me em outras questões acadêmicas - até que iniciei estudos com um outro lado do hip hop, o graffiti, que, assim como o rap, conduziu muitos jovens à reflexão e ocupação de espaços historicamente negados a eles. Foi na pesquisa *A poética dos graffiti no Maciço de Baturité: os olhares da recepção (2015-2016)*<sup>3</sup> que pude ter meu primeiro contato com uma história da cultura hip hop brasileira e conhecer conceitos relacionados à Arte Urbana. Dentro desse projeto interessaram-me bastante as temáticas sociais que envolviam principalmente a pichação, onde eu podia observar um grito de revolta semelhante ao que ecoava em mim enquanto eu ouvia rap. Ainda dentro dessa pesquisa, fui convidada pela professora-orientadora a pensar sobre as mulheres na Arte Urbana e atuar em uma futura pesquisa sobre este tema. Assim, em 2016, iniciei como bolsista de Iniciação Científica a pesquisa *Mulheres e Arte Urbana: Relações de Gênero na cena cearense*, de onde emerge este texto, que me confrontou com uma nova problemática com a qual eu ainda não havia me familiarizado: as relações de gênero. Pesquisar Gênero, para além do academicismo e da descoberta científica, para mim, enquanto mulher, tornou-se um processo de descobertas pessoais.

A partir das leituras feitas, as questões relacionadas à violência foram as que mais me incomodaram e chamaram atenção. As violências que fizeram parte da minha infância e cotidiano, de diversas formas ainda não nomeadas, ganharam aporte teórico e pude começar a compreender o que as estruturas sociais que me rodeavam tinham a ver com o modo de me enxergar mulher no mundo. Ao pensar em escrever sobre gênero, rapidamente a temática da violência se sobrepôs. Mas por onde começar? Minha familiaridade com o rap delimitou um *corpus*, pensei inicialmente em relacionar esse tema às mulheres da poética de Emicida, levando em conta o status desse artista dentro das mídias de massa, sua história e o alcance de seu trabalho. Ao analisar as letras para seleção, porém, dei-me conta do quão violento o rap poderia ser para com as mulheres. Para minha surpresa, as mesmas letras que traziam reflexões sobre as lutas negras e de classe perpetuavam um ideário de feminino limitado e objetificado. O único sentimento

---

<sup>3</sup> Pesquisa de Iniciação Científica coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jo A-mi, onde atuei como voluntária.

capaz de representar a visão que passei a ter do cenário foi frustração. Contudo, foi novamente o rap que me salvou: em *Mulheres de Palavra: um retrato das mulheres no rap de São Paulo* (2016) pude ver quantas mulheres, conscientes do cenário machista do rap nacional, vêm driblando a realidade machista que nela se infiltra através de organização social em coletivos, colocando em pauta suas lutas dentro desse movimento cultural. Bia Doxum, uma dessas mulheres de palavra, afirma: “o rap ainda é um movimento muito machista. O hip-hop em si. Mas em contrapartida têm muitas mulheres chegando com grande força, sem medo, com os dois pés na porta, invadindo tudo mesmo”(ALLUCCI; VALENCIO; ALLUCCI, 2016, p. 14). Ela aponta o caráter pedagógico que o rap e a cultura hip hop tem para com as meninas que crescem dentro dessa cultura, que desde pequenas ganham confiança para saber que elas não precisam de permissão para falar, que podem tomar sozinhas suas decisões e que merecem espaço.

Apesar disso, o espaço para as mulheres dentro das grandes mídias de massa (rádio, tv, internet etc.) ainda é muito limitado. Prova disso é que somente a partir da leitura da coletânea pioneira e bastante recente de Allucci, Valencio e Allucci (2016) é que pude conhecer um pouco da atuação das mulheres dentro do movimento hip hop. Foi aí que me dei conta da realidade de que todos os meus referenciais no rap, durante a adolescência, foram homens: daí, surgiu a necessidade de trazer nesse trabalho as vozes de mulheres rappers. A primeira dificuldade para tal foi esse espaço ainda reduzido que as mulheres rappers têm nas mídias de massa. Ao buscar em grandes sites de letras de músicas como *Letras*, *Vagalume*, *Kboing* e *Ouvirmúsica* percebi que a transcrição das letras dessas artistas não estavam lá e que seria necessário realizar a transcrição da música que eu escolhesse por conta própria. Assim, depois de muita pesquisa, optei por contrapor as músicas *Trepadeira*, de Emicida e *Calada não mais*, de Vera Verônica. A primeira, chamou-me atenção desde o lançamento, em 2013: houve ali um incômodo antes mesmo que eu houvesse entrado em contato com os estudos de Gênero, pelo modo perigoso de expor a liberdade sexual das mulheres e justificar a violência a partir dela; a segunda, de Vera Verônica, lançada oficialmente em 2017, expõe a realidade de violência a qual as mulheres brasileiras estão frequentemente expostas de modo a incentivar uma denúncia social.

A situação de violência contra a mulher no Brasil chega a níveis tão extremos a ponto de ser necessária intervenção estatal para reversão do quadro. Em 2006, foi sancionada a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (PLANALTO, 2006).

Essa lei não foi uma conquista fácil. Por trás dela está a luta de uma mulher que teve pulso e coragem para lutar pelo direito de ser ouvida e de ver seu agressor ser punido pelo Estado. Maria da Penha Maia Fernandes, uma biofarmacêutica cearense, foi uma das milhares de vítimas de violência doméstica no Brasil. Ela sofreu agressões do marido durante 6 anos, além de duas tentativas de homicídio: a primeira por disparo de arma de fogo, em 1993, enquanto dormia, que lhe roubou o movimento dos membros inferiores e; a segunda por tentativa de eletrocussão, enquanto ela tomava banho.

Não se podem medir os prejuízos físicos, morais, psicológicos e mais que essa mulher sofreu, apesar disso, seu agressor ficou impune durante dezenove anos, até que finalmente foi preso e condenado, por apenas três anos. Diante da negligência da justiça brasileira, cega diante do que lhe estava diante dos olhos: a situação perturbadora de violência contra mulheres no país, o caso foi levado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (caso n.º12.051/OEA). “A República Federativa do Brasil foi responsabilizada por negligência e omissão em relação à violência doméstica. Houve recomendação (relatório n.º 54/2001) para que o país realizasse profunda reforma legislativa com o fim de combater, efetivamente, a violência doméstica praticada contra a mulher” (SOUZA, 2014, p. 32).

Só a partir daí é que o país deu início, atendendo a recomendação internacional, a um processo legislativo que tinha como propósito a implementação de medidas que contribuíssem na prevenção e combate à violência contra as mulheres, de onde emergiu a Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em 22 de setembro de 2006, em justa homenagem à coragem dessa mulher que lutou contra a sociedade e o Estado para conquistar justiça para si e para outras milhares de mulheres brasileiras.

Apesar disso, o *Mapa da Violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil*, elaborado por Waiselfisz revela que:

Entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, incremento de 21,0% na década. Essas 4.762 mortes em 2013 representam 13 homicídios femininos diários. Levando em consideração o crescimento da população feminina, que nesse período passou de 89,8 para 99,8 milhões (crescimento de 11,1%), vemos que a taxa nacional de homicídio, que em 2003 era de 4,4 por 100 mil mulheres, passa para 4,8 em 2013, crescimento de 8,8% na década. Limitando a análise ao período de vigência da Lei Maria da Penha, que entra em vigor em 2006, observamos que a maior parte desse aumento decenal aconteceu sob égide da nova lei: 18,4% nos números e 12,5% nas taxas, entre 2006 e 2013. Se num primeiro momento, em 2007, registrou-se uma queda expressiva nas taxas, de 4,2 para 3,9 por 100 mil mulheres, rapidamente a violência homicida recuperou sua escalada, ultrapassando a taxa de 2006 (WASELFISSZ, 2015, p.15).

Esses dados significam que a promulgação da Lei foi uma conquista, mas não foi suficiente para promover uma mudança efetiva. Apesar de inicialmente ter causado certo impacto - redução dos números de casos registrados em 2007 -, vemos que a violência contra as mulheres rapidamente se recupera, ultrapassando muito em 2013 as taxas de 2006.

Uma outra conquista de intervenção legal, bastante recente, foi a criação da Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, que ficou conhecida como Lei do Femicídio. Esta lei altera o Código Penal, para incluir o feminicídio, que se caracteriza pela prática de crime contra mulheres por razões da condição de sexo feminino, como mais uma modalidade de homicídio qualificado. Esta Lei também altera o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos, ou seja, a pena que vai de 12 a 30 anos é irredutível e o crime caracteriza-se como inafiançável.

Mas é preciso pensar além. Para além da intervenção legal, são necessárias intervenções culturais. A luta de combate à violência contra as mulheres precisa dispor de uma reeducação social e chamadas à denúncia, sem isso, é provável que os dados e a violência continuem a subir. Os dados apresentados anteriormente provam isso, mesmo havendo uma redução inicial, rapidamente os números voltaram a crescer.

É entendendo a importância do campo da cultura nesse processo que me proponho a trazer neste trabalho uma análise de duas músicas, dois *raps*: *Trepadeira*, de Emicida e *Calada não mais*, de Vera Verônica, buscando compreender os olhares sobre a violência doméstica que elas revelam, entendendo a importância que a propagação desses olhares tem na alteração ou não do quadro vigente. Para além, pretendo também

apresentar a cantora brasileira Vera Verônica, que este ano completa 25 anos de carreira, como uma representante mulher do rap nacional, compreendendo a necessidade de apontar a presença de mulheres nesta cultura e levando em conta sua atuação e engajamento pela igualdade de gênero.

## **1. Violência, um assunto sério: informação e denúncia em *Calada não mais*, de Vera Verônica**

Vera Verônica é uma cantora, professora e feirante brasileira. Segundo o site oficial da artista:

O rap faz parte da sua vida desde os treze, Vera foi a primeira mulher a cantar o estilo no Distrito Federal e Entorno. Ela canta para ter voz e para dar voz àqueles que acha justo. A difícil realidade social de vários jovens que vivem em condições desumanas despertaram nela o desejo de ensinar além do ofício de professora, ensinar com a voz, ensinar com o rap<sup>4</sup>.

Vera Verônica atua tanto no espaço formal da sala de aula quanto no espaço aberto da cultura, ela é “defensora incessante dos direitos humanos, da igualdade de gênero, da igualdade racial e do combate à homofobia, Vera faz da palavra cantada um instrumento de conscientização”<sup>4</sup>.

Ao ler a apresentação da cantora em seu site oficial, rapidamente compreendi que havia encontrado o que buscava na pesquisa, uma mulher que pudesse ser referência no rap e que eu pudesse apresentar neste trabalho como uma representante das lutas das mulheres dentro da cultura hip hop. Além de rapper com uma carreira de 25 anos, Vera Verônica é pedagoga e engajada no trabalho comunitário, fazendo parte de projetos de interesse público. Ao ouvir a música *Calada não mais*, observei, imediatamente, o teor informativo e o apelo por denúncia que a música apresenta: fundamental para a reversão do quadro de violência contra a mulher vigente em nosso país. A chamada por denúncia é posta logo no refrão que é apresentado nos primeiros versos da música: “calada não vou mais ficar/Resolvi denunciar/Isso aí tem que parar” (VERONIKA, 2017). Em seguida, é posta a realidade de violência na qual as mulheres estão sujeitas; essa violência não é apenas física, mas também moral, sexual, emocional, entre outras:

A cada segundo uma mulher é espancada/sem contar aquelas que moralmente sexualmente são violentadas/ e ficam caladas por

---

<sup>4</sup> Disponível no site <https://www.veraveronika.com/sobre>.<sup>4</sup>  
Idem.

medo e vergonha/ sentimentos desastrosos relacionamentos amorosos/ viram histórias de terror onde simplesmente o seu marido é o agressor/ e marcam seu rosto pra sempre/ maltratando seu corpo e mente/ desrespeito abandono e dor/ te trata como indigente ser conivente não vou/Calada não vou mais ficar /Resolvi denunciar (VERONIKA, 2017).

Sobre a multiplicidade de violências praticadas contra as mulheres Safiotti (2011) apresenta-nos uma realidade complexa, revelando que o que se torna de difícil utilização no conceito de violência como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral é que no contexto cultural e sócio-históricos em que vivemos são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos.

Por essa razão mulheres ainda se sentem na obrigação de suportar situações de violência e acabam não denunciando, visto que a opressão sofrida é tão enraizada que elas não conseguem distingui-la. “Desta maneira, cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do *continuum* entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa violência” (SAFIOTTI, 2011, p.75).

A música de Vera Verônica expõe a diversidade dos tipos de violência, apontando também a realidade em que na maioria dos casos o agressor é o próprio parceiro das mulheres. O estudo de Waiselfisz (2015) revela que em 2014 a agressão por parte de parceiros ou ex-parceiros começava a dar sinal já na faixa de 12 a 17 anos de idade, representando 23,2% dos casos. Dos 18 anos até 59 anos de idade, os parceiros ou ex-parceiros passam a concentrar a metade de todos os casos registrados:

E o Brasil desintegrado/ sem auxílio imediato/ a violência contra a mulher se torna mais um fato/ saúde pública educação direitos garantido/ apoio as famílias casa abrigo vários subsídios você tem direito/ procure auxílio não deixe que apaguem seu brilho/ cante assim comigo (VERONIKA, 2017).

Na segunda parte da música, a cantora passa a apontar o papel do Estado na intervenção desses casos. Safiotti (2011) aponta como uma das razões que levam as mulheres a não fazerem denúncia das violências sofridas, mesmo quando se tornam cotidianas, o fato de que “na maioria das vezes, o homem é o único provedor do grupo domiciliar. Uma vez preso, deixa de sê-lo, configurando-se um problema sem solução, quando a mulher tem muitos filhos pequenos, ficando impedida de trabalhar fora” (SAFIOTTI, 2011, p. 88). A Lei Maria da Penha prevê assistência para a mulher em situação de violência doméstica ou familiar, mas como apontam os versos acima, esse

apoio por parte do estado não é imediato, deixando a mulher a mercê de agravamentos da violência sofrida em decorrência da denúncia feita. Apesar disso, a música apela para que as mulheres corram atrás de seus direitos e não se silenciem.

São vários tipos de violência contra a mulher/ constrangimento físico assédio sexual moral psicológico social/ agressões diárias mortes cotidianas/ perda patrimonial/ mesmo sendo firme e forte a mulher agredida/ quando não denuncia deixa de ser estatística /pra servir de exemplo pra maioria que se sente oprimida por essa ideologia patriarcal e machista imposta por mentes imperialistas/ chega de ser submissa se falta informação procure abrigo se falta informação procure auxílio/ não deixe seu rosto marcado pelo agressor/ não deixe seu corpo ser violentado pelo terror/ não deixe sua mente atrofiada por um falso amor/ amor é nós por nós contra qualquer opressor/ (VERONIKA, 2017)

Na terceira parte da música, são apontados os diferentes tipos de violência. Essas violências são previstas no capítulo II da Lei Maria da Penha. O apelo pelo não silenciamento prossegue. O medo é o principal fator, agravado pela falta de informação e pela negligência do Estado, no entanto, quando não há denúncia não há dados, e, conseqüentemente, não há intervenção ou criação de políticas públicas. A música de Vera Verônica pode ser vista como uma intervenção cultural à medida que anuncia uma realidade, traz informações e reflexões sobre ela, estimulando uma mudança de atitude. Constitui-se como um chamado ao não silenciamento, ao empoderamento e à união das mulheres: "Calada não vou mais ficar/ Resolvi denunciar/ Isso aí tem que parar/ Liberdade eu quero/ Calada não vou mais ficar/ Resolvi denunciar/ Isso aí tem que parar/ Vou ligar 180" (VERONIKA, 2017).

A música se encerra com a repetição do refrão, apontando a denúncia como um passo para a liberdade e informando o número para obter informações e denunciar. O Ligue 180 foi uma iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), em 2005, para servir de canal direto de orientação sobre direitos e serviços públicos para a população feminina em todo o país (Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2015). Esse serviço gratuito é a porta principal de acesso aos serviços da rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher, sob amparo da Lei Maria da Penha, e funciona como base de dados privilegiada para a formulação das políticas do governo federal nessa área, ou seja, ao denunciarem, as mulheres estão também contribuindo para o aperfeiçoamento dos serviços existentes e, assim, ajudando outras mulheres que possam estar sofrendo opressão.

O trabalho de Vera Verônica, ao disseminar informações sobre violência e denúncia, colabora no caminho pela alteração do quadro vigente de violência doméstica no Brasil. Para além da letra, o videoclipe da música traz aspectos semióticos que ajudam a compreender a seriedade com que é tratado o tema na letra. O vídeo, em preto e branco, traz em seu início uma mulher deitada no chão sobre folhas secas. Em seguida, inicia-se o refrão e a música. As frases “A cada duas horas uma mulher é morta no Brasil”; “Ser mulher no Brasil é correr risco de vida”; “Contra a violência informação”; “País tem mais de 10 mulheres assassinadas por dia”; “Feminicídio é crime!” vão aparecendo ao longo dos versos. O clipe ainda apresenta narração em Libras, de modo a atingir também as mulheres com deficiência auditiva. Apesar do valor social da composição de Vera Verônica, o público ao qual ela atinge ainda é limitado, justamente pela falta de espaço que o rap de mulheres tem nas grandes mídias de massa. Para ter acesso a esse conteúdo eu precisei buscar e pesquisar, enquanto para se ouvir rap de cantores homens basta sair nas ruas. Compreender a seriedade com que esse assunto é tratado é importante para contrapor o tratamento da temática na música que analisarei a seguir.

## **2. O discurso poético de Emicida, em *Trepadeira***

Desde o início dos anos 2000, o rap vem ganhando cada vez mais espaço nas grandes mídias de massa, que tem se aberto para algumas culturas antes marginalizadas, culminando na premiação do rapper Emicida em 2011 como artista do ano no *Video Music Brasil* (VMB) - premiação realizada pela MTV Brasil, bastante renomada à época. Na mesma ocasião, seu videoclipe "Então toma" também foi premiado. Sobre isso o rapper canta:

Tô tão bem nas esquina que a Intel patrocina/E nem sei o que tem haver  
processador e rima/E é melhor cês aprender a lidar com toda essa inveja,  
esse ódio/Botei a rua no pódio, óbvio/Que não tá no meus planos, tirá-  
la de lá no próximo episódio/Em poucos takes, pus mix tapes/No top  
dez discos do ano e eles odeiam rap lá mano!/Amor e flow, muito  
flow/Aê, respeita quem pode chegar aonde a gente chegou! (EMICIDA,  
2013).

Ciente de sua influência, Emicida, cuja carreira começou nas batalhas de MCs em São Paulo, hoje é conhecido nas grandes mídias de massa pela valorização da cultura negra no Brasil e denúncia das mazelas enfrentadas por esse grupo social até os dias de hoje. Pelas constantes vitórias nas batalhas de improvisação, Leandro Roque de

Oliveira acabou ganhando a alcunha de Emicida (mistura de “MC<sup>5</sup>” e “homicida”, pois seus amigos consideravam que ele “matava” os adversários com suas rimas).

Emicida tem em sua poética uma preocupação social com causas relacionadas à população negra e pobre. Em suas letras ele denuncia questões como o abuso policial, a violência e o preconceito que ainda que ainda estão tão fortemente enraizados na sociedade. Foi ouvindo suas músicas que comecei a desenvolver ceno crítico quanto à relação entre cor e pobreza. A autoafirmação negra e empoderamento pregados em seus discos me fizeram soltar os cabelos, tão retraídos, e aceitar minha própria identidade - além de estimular a luta por espaço e não ser apenas “tema da faculdade em que não pode pôr os pés” - como ele afirma sobre o lugar do negro na academia, na música *Boa Esperança* do disco *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...*, lançado em 2015.

Apesar da preocupação social de sua poética, pode-se perceber que não há ainda uma preocupação profunda do cantor em incluir em sua agenda política a luta das mulheres, como observaremos na música *Trepadeira* (2013), que é destaque da produção de Emicida. Sua letra causou grande polêmica, principalmente dentro dos Movimentos Feministas; mulheres chegaram a protestar no show de lançamento do disco. O contexto de violência no qual as mulheres brasileiras estão tão fortemente inseridas justifica inteiramente a repulsa causada, pois enquanto se busca a desconstrução e desesteriotipação nos movimentos de empoderamento feminino, vemos ainda um movimento de propagação e perpetuação, mais rápido ainda, de domesticidade e submissão, ecos do Patriarcado no rap que chega as grandes mídias de massa.

*Trepadeira* faz trocadilhos poéticos para retratar uma situação de traição vivenciada por um eu-lírico masculino. Os aspectos semióticos do videoclipe revelam irreverência no que está a ser contado. Emicida chega em uma roda de colegas, pede o som e começa a narrativa. O eu-lírico apresenta uma mulher sexualmente livre, com a qual se envolveu, associada a uma planta trepadeira - de modo pejorativo. Inicialmente a personagem é apresentada de modo positivo, como vemos nos versos a seguir:

---

<sup>5</sup> MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia "eme ci". No hip hop, os MCs compõem e cantam o seu próprio material. Eles improvisam, inventando letras na hora em companhia dos DJs, que fazem acompanhamento rítmico com batidas e mixagens.

Margarida era rosa, bela/Cheirosa e grampola, tipo casa das camélias/Gostosa, bromélia, toda prosa/A me enlouquecer, bela, tipo um ipê, frondosa/É um lírio, causa delírios, líria/Vício é vigiar, chique como orquídea/Ahh, cabelos como samambaia e xaxim/Flô, perto dela as outras são capim pô/Girassol violeta, beleza violenta/Passou aqui como se o mundo gritasse arrasa bi!/Flor de laranjeira ou primavera inteira são/Flores e mais flores todas as cores da feira, irmão (EMICIDA, 2013).

Destacamos do trecho acima o verso “Flô, perto dela as outras são capim pô”, que retrata a situação de competição que é construída e incentivada junto com o desenvolvimento do universo feminino ao longo da vida de uma mulher. O Eu- lírico vai poeticamente associando a personagem à beleza de diversas plantas. Até que vemos, nos versos abaixo, o modo como a “fama” que circunda a personagem, pela favela, afeta a visão dele: “ô, essa nega é trepadeira, hein”/Minha tulipa! a fama dela na favela/Enquanto eu dava uma ripa/Tru, azeda o caruru/Os manos me falavam que essa mina dava mais/Do que chuchu/Ai é problema, hein, você é loco”(EMICIDA, 2013).

O refrão, que se segue abaixo, mostra a narração de um outro personagem sobre o fato. Ele apoia a mudança de atitude do eu-lírico diante das acusações contra a personagem feminina - o que retrata também uma outra realidade construída socialmente: o homem tido como “vítima” de mulheres sexualmente livres (tomadas como vilãs e depravadas).

Você era o cravo ela era a rosa, e cá entre nós/Gatinha, quem não fica bravo dando sol e água/E vendo brotar erva daninha/Chamei de banquete era fim de feira/Estendi o tapete mas ela é rueira/Dei todo amor, tratei como flor/Mas no fim era uma trepadeira/ (EMICIDA, 2013)

Nos versos acima, o eu-lírico passa a tratar a personagem feminina pejorativamente, associando-a a condições negativas que contrastam com sua visão anterior: “erva daninha”; “fim de feira”; “trepadeira”. Afirma ainda, posteriormente: “Mamãe olhou e me disse "isso ai é igual trevo de 3 folhas/Quer comer, come. mas não dá sorte"/ Vai, brinca com a sorte” (EMICIDA, 2013), retratando também o olhar negativo de uma mulher sobre outra: visto que a liberdade sexual de mulheres foi construída socialmente de forma negativa para ambos os sexos.

Essa construção social é discutida por Bourdieu (2012) como parte de um processo de incorporação de uma dominação masculina que se inscreve nos corpos de homens e mulheres ao longo da vida. Em seu trabalho, Bourdieu aponta para uma

violência simbólica que é enraizada tanto nos dominantes quanto nos dominados tornando ambos incapazes de visualiza-la. Sua estrutura é produto de um trabalho de reprodução histórico em que contribuem agentes específicos, que naturalizam esse processo. Sobre isto, Bourdieu afirma:

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. [...]. A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante ( e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2012, p.46).

Portanto, entende-se que o ódio propagado no trecho mais acima pelo eu-lírico dos versos e o posicionamento de sua mãe diante da situação narrada, que reproduzem o ideário construído socialmente de que há algo errado no que diz respeito a liberdade sexual feminina, refletem o processo denominado por Bourdieu de dominação masculina, no qual se institui a violência simbólica. Os discursos chegam a afastar a personagem feminina retratada na música da categoria de mulher - a mãe chama-a “isso aí”. A reprodução desses discursos nem sempre é algo intencional, pensado, muitas vezes se dá por uma força simbólica que se exerce sobre os corpos sem qualquer coação física. Isso ocorre porque há predisposições colocadas ao longo da vida dos indivíduos, que apenas reproduzem espontaneamente o conhecimento que foi naturalizado historicamente sobre os deveres e restrições dos corpos de homens e de mulheres.

A narrativa atua, silenciosamente, perpetuando esses discursos que já fazem parte do cotidiano social. Nos últimos versos, sobre os quais as críticas caem de forma mais expressiva, a violência transpassa a linguagem, beirando o físico:

Bem me quer, mal me quer, ó/Nosso amor perfeito amargou, tipo jiló/Maria sem vergonha, eu, burro, chamei de trevo de 4 folhas/In love, enraizou, fundo/Mas você não dá, ou melhor dá, mas pra tudo mundo/Eu quis te ver de jasmim, firmeza/No altar, preza, branquinho, olha, magnólia, beleza/Victoria régia, brincos de

princesa/Azaleia pura, madre teresa/Mas não/ Você me quis  
salgueiro chorão, costela de adão/Raspou o cabelo de sansão/E tu  
vem, meu coração parte e grita assim/"arrasa biscate! "/Merece  
era uma surra, de espada de são jorge (é)/Chá de "comigo  
ninguém pode"/Eu vou botar seu nome na macumba, viu/Então  
segura/(EMICIDA, 2013)

O Eu-lírico desencanta-se com a personagem e seu “amor” amarga, pois não é capaz de lidar com aquela situação. A expectativa por ele criada era o padrão socialmente construído, ele queria uma mulher no altar, de branco, símbolo religioso da virgindade; a liberdade da personagem ofende e ele a ameaça: "Merece era uma surra, de espada de são jorge (é)/Chá de "comigo ninguém pode"/Eu vou botar seu nome na macumba, viu/Então segura/”.

A mensagem transmitida por essa música, um dos grandes sucessos do cantor, acende como justificativa para a violência contra mulheres. Mensagem muito perigosa diante da situação de violência a qual muitas mulheres se veem expostas todos os dias. A sonoridade e poeticidade da música, em tom alegre e brincalhão, aumentam ainda mais o seu veneno, pois ocultam sua triste realidade. Exemplo forte disso é que em uma enquete do *Uol Música*, que recebeu Total de 6.284 votos, 68, 83% dos votantes não a consideraram uma letra machista (Uol, 2013).

### **Considerações finais**

Após a análise realizada, pode-se perceber que a preocupação social de denúncia à violência contra mulheres não faz parte da agenda política de Emicida. A música *Trepadeira* transmite um olhar indiferente sobre o quadro de violência doméstica e feminicídio, naturalizando-os como "histórias cotidianas" da sociedade brasileira.

De modo contrário, o trabalho de Vera Verônica investe grande preocupação para com as causas das mulheres e lutas por mudanças no quadro de violência vigente. Essa artista apresenta na música *Calada não mais* informações sobre violência doméstica, apelando pela denúncia por parte das mulheres que sofrem opressão: ciente de que somente através dessas denúncias é possível gerar dados e estatísticas objetivas sobre a real situação a que as mulheres brasileiras estão sujeitas e com isso criar e aperfeiçoar políticas públicas no sentido de alterar esse quadro.

O que isso quer dizer? É impossível não refletir a partir disso sobre o protagonismo das mulheres na luta por seus direitos. Ser mulher, como bem vimos em

Saffioti e Bourdieu ao falarem sobre violência, não garante uma visão clara sobre as violências vivenciadas cotidianamente, já que essas se entranham na própria construção de conhecimento sobre o mundo das próprias mulheres. Mas, uma vez percebidas essas violências, a quem elas importam senão a nós, mulheres? A quem elas incomodam?

Vera Verônica fala sobre essas violências, estimulando a denúncia porque ela é mulher. Meu estudo e interesse pela temática deriva da consciência da condição de vulnerabilidade social a que eu e as mulheres que me rodeiam estamos expostas. São as mulheres que falam sobre a violência contra seu gênero porque somos nós que a vivenciamos todos os dias, nas ruas, instituições públicas e privadas e dentro de nossas próprias casas. É a nós que essas violências importam e por isso vem de nós, mulheres, o desejo de cessá-las.

## REFERÊNCIAS

ALLUCCI, Renata R.; VALENCIO, Ketty; ALLUCCI, Fernanda. **Mulheres de palavra: um retrato das mulheres no rap de São Paulo**. São Paulo: Allucci & Associados, 2016. 56 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p. Tradução de Maria Helena Kühner.

EMICIDA. *Cê lá faz ideia*. **Emicídio**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010. 1 CD. Faixa 2.

EMICIDA. *Trepadeira*. **O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. 1 CD. Faixa 8.

EMICIDA. *Zica, vai lá*. **Doozicabraba e a Revolução Silenciosa**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2011. 1 CD. Faixa 6.

G1. **Emicida ganha prêmio de artista do ano no VMB**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/emicida-ganha-premio-de-artista-doano-no-vmb.html>. Acesso em: 12.03.2017.

PLANALTO. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 23.04.2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SOUZA, Valéria Pinheiro de. **Violência doméstica, qual a causa, conceito do violência, a violência no Brasil, violência contra a mulher, perfil do agressor, das vítimas, lei Maria da Penha...** Portal Geledés: 2014. 45 p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/violencia-domestica-e-familiar-contra-mulher-lei-maria-dapenha-uma-analise-juridica/>. Acesso em: 05.07.2016.

SPM. **Central de atendimento à Mulher.** 2015. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/ligue-180>. Acesso em 23.04.2017

UOL. **Mulheres protestam contra Emicida em show e rapper responde com poesia.** São Paulo, 2013. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2013/09/11/mulheres-protestam-contrae micida-em-show-e-rapper-responde-com-poesia.htm?foto=6>. Acesso em 12.03.2017.

VERONIKA, Vera. Calada não mais. **Mojubá.** Brasília: LGK Music, 2017. 1 CD. Faixa 1.

VERONIKA, Vera. **Sobre Vera Veronika.** Disponível em: <https://www.veraveronika.com/sobre> Acesso em: 15.04.2017.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **MAPA DA VIOLÊNCIA 2015: HOMICÍDIO DE MULHERES NO BRASIL.** Brasília-df: Flacso Brasil, 2015. 83 p. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)>. Acesso em: 02.04.2017.

DUTRA, Juliana Noronha. **Rap : identidade local e resistência global.** 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007. Cap. 1. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95121/dutra\\_jn\\_me\\_ia.pdf?sequen ce=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95121/dutra_jn_me_ia.pdf?sequen ce=1)>. Acesso em: 04 dez. 2017.